

CREMATÓRIO E MEMORIAL PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

ARQUITETURA COMO PARTE DO FIM, DO RECOMEÇO E DA CONTINUIDADE

MATEUS LIMA FERNANDES

UFSC

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ORIENTADOR: RAMON CARVALHO

2023.1

3	introdução <ul style="list-style-type: none">. motivações, sentimentos e objetivos
4	relações <ul style="list-style-type: none">. a morte do ser: o luto. a morte no tempo: cronologia histórica. mudança de estado físico: a cremação
10	espaços <ul style="list-style-type: none">. crematório Municipal de São Paulo. crematório em Palhoça SC
12	referências projetuais <ul style="list-style-type: none">. Crematório de Baumschulenweg. Capela São Pedro
14	o lugar <ul style="list-style-type: none">. breve introdução a cidade de São José dos Campos. implantação. legislação e dados
16	projeto
31	bibliografia

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÕES, SENTIMENTOS E OBJETIVOS

Existe algo na morte que instiga certa curiosidade, para além do medo, para além da sua angustiante e certa imprevisibilidade. O tempo adquire valor quando se tem conhecimento, e plena certeza, de que existe um fim para todos. A finitude da existência humana é algo que sempre existiu e sempre existirá. O homem busca de todas as formas vencer o fim, seja de sua espécie, de sua família ou de sua própria consciência. Ele cria e constrói coisas muito mais duráveis que seu próprio corpo, numa tentativa não só de produzir, se expressar, mas de permanecer.

“Qual é o objeto, o objetivo da arquitetura?”

Eu poderia dizer: ‘amparar a imprevisibilidade da vida’”

Paulo Mendes da Rocha

Entretanto, é neste aspecto que o fim é implacável, as vidas acabam, os impérios, as sociedades, as cidades e até mesmo espécies desaparecem, as memórias são esquecidas... é somente uma questão de tempo para que tudo tenha seu devido final.

Para Epicuro, a morte é algo que foge do nosso entendimento por ser algo completamente oposto à vida, já que quando estamos vivos, não estamos mortos, e assim quando estamos mortos, já não existe mais vida (EPICURO, 2002.) Entretanto vivenciamos diversas vezes ao longo de nossa existência a morte de pessoas próximas, familiares, amigos; de certa forma perdemos algo que não volta mais, experienciamos o luto e suas diversas formas de vazio, uma realidade completamente nova e desconhecida, a saudade.

Presentes desde os primeiros rituais de culto aos mortos e historicamente estruturados de diversas formas, os espaços sepulcrais constituem um elemento fundamental para o entendimento da relação entre o homem e a morte. Dessa forma, cemitérios, catacumbas e crematórios são elementos essenciais das cidades históricas e metrópoles atuais.

Entretanto, apesar de necessária, a arquitetura fúnebre reflete a persistência do homem em ignorar a sua própria finitude. Nesse contexto, os espaços reservados para os mortos na cidade refletem uma frieza metodológica, constituindo vazios urbanos assépticos e isolados da vida cotidiana. Tais espaços, POR MAIS que cumpram com sua função sanitária, tendem a falhar no acolhimento daqueles envolvidos pela dor do luto e na preservação da memória dos falecidos, tornando-os lugares marcados pela perda.

Buscando compreender melhor a relação entre homem e morte, o presente trabalho busca explicitar a concepção projetual de um espaço que acolha os que se foram, e, principalmente, aqueles que permanecem. Nesse sentido, por meio de um levantamento histórico desta relação, pretende-se assimilar seus padrões e inflexões a partir de uma análise arquitetônica dos espaços que visam estruturar de forma material os encargos, as necessidades e as aspirações da espacialidade, além de prestar tributo aos que se foram.

*Para onde vão minhas palavras,
se já não me escutas?
Para onde iriam, quando me escutavas?
E quando me escutaste? - Nunca.*

*Perdido, perdido. Ai, tudo foi perdido!
Eu e tu perdemos tudo.
Suplicávamos o infinito.
Só nos deram o mundo.*

*De um lado das águas, de um lado da morte,
tua sede brilhou nas águas escuras.
E hoje, que barca te socorre?
Que deus te abraça? Com que deus lutas?*

*Eu, nas sombras. Eu, pelas sombras,
com as minhas perguntas.
Para quê? Para quê? Rodas tontas,
em campos de areias longas
e de nuvens muitas.*

*Meireles, C. (1942/2001). Monólogo. In Vaga
Música (p. 416).*

A MORTE DO SER

O LUTO

Luto é o nome dado ao conjunto de reações, sentimentos e sensações desencadeados a partir do desligamento do ser e, no caso da morte, entes queridos. Entre os diversos tipos possíveis de classificação, como o luto por morte dos pais, morte dos filhos, perda de parentes e pessoas próximas ou até mesmo a perda de partes de si em diversos momentos da vida, é certo que o luto é um processo extremamente desgastante e doloroso.

Mais precisamente, o luto tem como característica uma profunda tristeza, uma perda de interesse no mundo externo, bem como o afastamento de qualquer atividade que não esteja relacionada com o objeto perdido (FREUD, 1915). É durante o processo do luto que o homem confronta todos os aspectos da realidade que antes envolviam o ente perdido, relações sociais e pessoais, planos futuros e aspectos econômicos. Dessa forma, uma nova e complexa realidade se apresenta para o enlutado que demanda um grande esforço psíquico para a compreensão da mesma.

O luto é apresentado por Freud como um processo natural, porém extremamente incômodo e desgastante, que culmina na aceitação da perda e no prosseguimento da vida dos ainda vivos. Entretanto, em determinados casos pode ocorrer o denominado luto patológico, no qual uma série de distúrbios, como a autodeterminação de culpa pelo falecimento impedem que o processo prossiga naturalmente, e o ser se vê preso dentro da condição de luto.

A MORTE NO TEMPO

BREVE CRONOLOGIA HISTÓRICA

O espaço no qual os mortos descansam é parte indissociável da cidade dos vivos e sempre esteve presente ao longo da história. No período neolítico os corpos eram sepultados em antas ou dólmenes, monumentos megalíticos, feitos de grandes pedaços de pedra agrupados, que podiam formar ou não um abrigo para o falecido. Aqui, a sociedade já nutria uma crença na vida após a morte, que servia como principal motivação para a realização dos rituais.

Os egípcios realizavam o ato de embalsamamento e mumificação dos mortos, como forma de preservação dos corpos, que eram dispostos em monumentos gigantescos de pedra, as pirâmides. As mesmas possuíam grandes câmaras mortuárias, nas quais não somente os corpos eram preservados, mas também bens pessoais e de valor. As gigantes tumbas eram destinadas principalmente aos faraós, que eram vistos como divindades pela sociedade.



Figura 1: Dólmen de Poulhabrone, localizado em Burren, County Clare, Irlanda. Fonte: Britannica.



Figura 2: A grande pirâmide, Gizé, Egito. Fonte: BBC.

Na Grécia antiga, a imortalidade era algo exclusivo dos deuses, portanto os homens encontravam seu fim definitivo na morte. A cremação era o principal ritual destinado aos mais nobres, e os demais indivíduos eram enterrados nas margens da cidade. Aqui os rituais funerários já adquiriram caráter social e de classe.

Já nos primeiros séculos do Império Romano os corpos eram inumados dentro do perímetro urbano, hábito que foi alterado com a Lei das XII Tábuas. Assim se iniciou o costume de enterrar os mortos ao longo das vias de acesso à cidade e, com o decorrer do tempo, a depender da classe social do falecido, grandes monumentos fúnebres eram edificadas. Os amontoados de monumentos evoluíram e tornaram estes cemitérios verdadeiras necrópoles, local onde se realizavam festividades e posteriormente se tornavam grandes centros comerciais. Os mais pobres eram enterrados em grandes túmulos comuns.

A sociedade neste período nutria uma relação de aversão e medo para os mortos. Aversão, pois os falecidos eram considerados impuros e por isso não deveriam permanecer dentro dos perímetros das cidades, e medo de que os mortos eventualmente voltassem à vida para resolver seus assuntos pendentes e atormentar a vida daqueles que os atormentaram.

Com o Cristianismo, a morte se transformou em um ritual de passagem, um estado momentâneo à espera da ressurreição do corpo. Assim, o sepultamento se torna o principal ritual fúnebre na cultura ocidental, como forma de preservar os corpos, afastando de vez a cremação dos costumes. Para além disso, a crença de que ser enterrado próximo aos grandes mártires cristãos era uma garantia à salvação eterna transformou os cemitérios em espaços de oração, o que fez com que igrejas fossem construídas para abrigar a fé agora presente nos locais de enterro.



Figura 3: ATHIERRY FRÈRES. *Une matinée du mercredi saint, à l'église* (Fiéis aguardando a confissão e a comunhão sentados sobre as covas de uma igreja)
Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/a-opera-da-independencia-uma-exposicao-em-dois-atos-e-dez-cenas/segundo-ato-a-plateia/>

Assim se tornou crescente o desejo popular em ser enterrado próximo às igrejas, e em determinados casos, até mesmo dentro delas. O aumento da popularidade desses locais levou a uma exploração comercial e habitacional ao seu redor, acarretando assim no crescimento das construções em seu entorno. Dessa forma, os cemitérios não são mais partes isoladas das cidades, posicionados ao longo dos caminhos, mas parte integrante, e muitas vezes formadoras, dos núcleos urbanos e da vida social das cidades.

Em meados do século XVIII, a localização dos cemitérios, tão profundamente integrada com as igrejas e a cidade, é questionada pelo aparecimento da Ordem Sanitária em 1745. O grande aumento demográfico nos séculos XVII e XVIII acarretou a falta de espaço para o enterro dos mortos, e no movimento iluminista a arquitetura adota uma nova postura higienista em relação a cidade. Assim, com a intenção de purificar os centros urbanos, os cemitérios foram deslocados para as periferias.

Neste período, muda-se a relação do homem com a morte. Com o defunto isolado dos centros urbanos, a morte passa a adquirir novamente um caráter de ruptura. A arquitetura ganha maior protagonismo ao se tornar local não mais do livre funcionamento das necrópoles, mas o espaço no qual aqueles que sofrem com a perda frequentam e prestam suas homenagens e cultos aos falecidos.

É possível se dizer que até meados do século XIX os cemitérios eram locais monumentais e altamente interligados com a igreja, tendo a religião um fortíssimo papel na formulação de costumes e rituais, principalmente no Brasil, um país de raízes católicas. Assim, tais locais eram repletos de ornamentos que remetiam à fé cristã — imagens, cruzes e flores diversas, por exemplo, são imagens comuns até os dias atuais no imaginário de um ritual funerário.

A partir do final do século XIX e início do século XX os primeiros cemitérios laicos começaram a surgir, principalmente devido à iniciativa privada. Entretanto, ainda permaneciam intrinsecamente ligados à dramaticidade do cristianismo. Posteriormente, somente com uma crescente necessidade de espaços mais arborizados nos grandes centros urbanos, surgiu uma nova tipologia de cemitério, os cemitérios jardim.

Conciliando uma concepção mítica já existente de jardim como algo sagrado com a relação da natureza com o homem como local de repouso eterno com uma necessidade das cidades emergentes de mais espaços verdes, os cemitérios jardins se tornaram o novo padrão. Também conhecidos como cemitérios parque, estes locais consistem em espaços altamente arborizados, nos quais os túmulos são dispostos em grandes gramados com lápides discretas e iguais para todos, sem mais construções.

Entretanto, atualmente, os cemitérios sofrem para suprir a demanda espacial do acelerado aumento populacional, e recentemente, da pandemia de COVID 19, na qual ocorreram mais de 600.000 óbitos em um espaço muito curto de tempo. Além disso, a falta de manutenção adequada dos cemitérios, e principalmente, das valas comuns, principal destinação da maior parte da população que não possui dinheiro para arcar com um cemitério privado, leva a contaminação do solo e dos lençóis freáticos, acarretando em graves consequências ambientais. Assim a cremação se coloca como alternativa viável, de menor impacto ambiental e higiênico, com menor necessidade de manutenção e uso restrito de espaço.



Figura 4: A Greyfriars Kirkyard, cemitério em Edimburgo. Fonte: Kim Traynon, Wikipedia

CREMAÇÃO

DESMATERIALIZAÇÃO

Na Grécia e Roma antigas, a cremação era vista como forma de engrandecer a vida de grandes pessoas e nobres, portanto, era uma prática dotada de significado social, e exclusiva para determinadas classes sociais. Já a inumação era o destino das classes menos favorecidas, em cemitérios espalhados fora dos limites das cidades, geralmente em grandes valas comuns.

No Japão, a prática foi incentivada devido a escassez territorial que inviabilizava a construção de valas, e em 1987 o país promulga uma lei que torna a cremação prática oficial e obrigatória, devido a sua eficácia como controle sanitário e forma racional de se preservar o solo. Além disso, como país majoritariamente budista, tem-se a crença de que o fogo é o indutor necessário para se promover o desapego da alma ao corpo, libertando assim o espírito de sua prisão carnal.

Devido à sua visão de corpo como templo sagrado do espírito, a cremação não foi aceita pelo cristianismo por muito tempo, sendo inclusive ligada a práticas satanistas. Carlos Magno chegou a proibir a prática em 789 D.C e a mesma era utilizada como punição para hereges e criminosos. Em 1886 o Vaticano denuncia a prática cremacionista e proíbe os fiéis de praticá-la.

Entretanto, em países nos quais a religião católica dividia com as protestantes a atenção dos fiéis, a cremação ganhou mais adeptos e defensores, que propagavam os benefícios sanitários da prática e sua maior eficiência em relação à inumação, inclusive com a criação de uma Sociedade Cremacionista na Inglaterra, em 1874, que atuava na divulgação de artigos e visava a instalação de um forno crematório no país. Além do mais, incentivar a cremação era uma forma de se opor aos costumes da igreja católica. Em 2011, cerca de 70% dos ingleses passam a preferir cremação.

A igreja católica permitiu a prática para seus fiéis somente em 1963. Assim, países como o Brasil começaram a ter uma maior aceitação desta prática. Após a promulgação da lei 7017, de 19 de abril de 1967, que instituiu a prática da cremação no município de São Paulo, o primeiro crematório brasileiro foi inaugurado em 1974 — O Crematório Municipal Da Vila Alpina — e em 2014 já eram mais de 40 em todo país. De acordo com a prefeitura de São Paulo, cerca de 12.046 corpos foram cremados em 2021 na cidade, uma média de pouco mais de 1000 cremações por mês.

Ainda hoje são necessários alguns trâmites burocráticos para que o procedimento ocorra. O indivíduo precisa preencher em vida uma declaração de vontade, reconhecer em cartório e deixar cópias com parentes próximos. Caso a declaração não possa ser preenchida, o processo só pode ser realizado mediante autorização de parente de primeiro grau.

É importante ressaltar que são necessárias assinaturas de dois médicos na declaração de óbito para realização do procedimento, e em caso de morte violenta, somente após autorização judicial. Após a entrega de todos os documentos, o corpo ainda permanece em estado de espera por 24h, período que a família pode desistir do procedimento, ou a decisão judicial ser revertida. Há ainda religiões que pedem um período de descanso para que a alma deixe o corpo antes de ocorrer a incineração.

No Brasil a prática se mostra de difícil acesso, devido a escassez de locais que ofereçam o serviço, principalmente de forma gratuita, negando o direito de escolha para a população, que se vê obrigada a recorrer aos cemitérios públicos. Locais estes desprovidos de planejamento, organização e extremamente pragmáticos, com arquiteturas que não abrangem por completo a complexidade do momento vivido pelas famílias, e que devido a falta de competência dos órgãos públicos, se tornam polos de contaminação do solo.

Apesar de uma prática que ainda enfrenta certa resistência, por representar o desligamento definitivo do falecido com sua forma material, a cremação é um processo que não necessita de manutenções periódicas e nem o pagamento de taxas, o que acaba tornando mais eficiente para o cenário atual. Além disso, durante o processo de queima, poucas quantidades de água e gás carbônico são liberados na atmosfera, com as impurezas sendo filtradas diretamente no processo de combustão, sendo assim eficiente de forma ecológica. Dessa forma, se torna necessário repensar o padrão atual de rituais funerários no país para assim implementar um processo mais barato, eficiente e ecológico.

CREMATÓRIO EM PALHOÇA - SC

Foi realizada uma visita para melhor compreender como funciona um crematório, suas demandas e especialidades.

Visitou-se o Crematório Catarinense, localizado no município de Palhoça, na BR 101. O local, que aparenta ser um ponto comercial comum, que hoje é ocupado por um crematório. Dessa forma, a arquitetura não apresenta nenhuma adequação, além da decoração, que indique uma preocupação em amenizar os danos do momento vivido pelos familiares.

O crematório consiste em duas salas de cerimônias, uma com capacidade para até 100 pessoas, e outra menor, com capacidade para 30, além de banheiros sociais e de funcionários, escritório e vestiário. A sala na qual se localiza o forno não possui nenhum tratamento especial, já que o mesmo não emite gases tóxicos e nem esquenta nas suas superfícies externas. Nesta mesma sala, compreendem uma câmara fria com capacidade para dois corpos.



Figura 5: Crematório Catarinense, crematório em Palhoça, Santa Catarina. Fonte: Google Maps

O local possui ainda um memorial, que nada mais é do que um móvel, na qual as pessoas pagam um valor adicional para deixarem as urnas de seus familiares expostas, e podem, quando quiserem, ir lá prestar homenagens, em um pequeno altar disposto no canto da sala.

Acerca das demandas do local, o funcionário responsável pela visita relatou que possuir somente um forno impede que mais corpos sejam cremados, já que atualmente depois da pandemia, a procura pelo serviço aumentou bastante, e que a queima, apesar de rápida, não é instantânea, demandando algumas horas para ser concluída. O espaço necessita ainda de mais vagas de estacionamento, já que atualmente possui pouco mais de 15 vagas, que lotam com relativa facilidade.

Dessa forma, conclui-se que, apesar de funcional, o local não supre a demanda de uma prática que ganha cada vez mais adeptos, além de possuir uma arquitetura extremamente simplista.



Figura 6: Crematório Catarinense, crematório em Palhoça, Santa Catarina (sala de cerimônias).Fonte: Autor

CREMATÓRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O crematório municipal de São Paulo, projetado por Ivone Macedo Arantes, foi o primeiro espaço reservado para a prática construído no país, teve suas atividades iniciadas em 1974, e até hoje, é o único de propriedade municipal. Instalado em um grande terreno na zona leste da capital paulista, no Jardim Avelino, o projeto divide o terreno com um Senai, um centro de esportes, um cemitério e um parque ecológico.

Possui uma planta retangular de aproximadamente 25x50m² e 3 pavimentos, que resultam em aproximadamente 4.700m² construídos. O edifício é um grande bloco horizontal em concreto armado aparente e estruturado sobre poucos apoios, seguindo os preceitos da arquitetura moderna, mais precisamente o que é conhecido por “brutalismo paulista”. Implantado em um terreno bastante arborizado, o projeto constrói um amplo pátio com sua cobertura no pavimento térreo, onde pode se encontrar o salão de cerimônias, pensado em forma de anfiteatro circular, fechado com panos de vidro.

O salão configura-se como um espaço para uma breve despedida de 15 minutos antes da cremação. Sua forma circular permite que o falecido seja colocado bem ao centro, em uma mesa/elevador, na qual após feitas as homenagens finais, desce até o subsolo, onde se localizam as câmaras frias e o forno de cremação. Ainda no térreo, sanitário, administração e sala de espera complementam o pavimento de acesso público.

No primeiro subsolo são concentradas as diversas salas técnicas de apoio, como almoxarifado, depósito, galpão de manutenção, sala de arquivos e também espaços reservados aos funcionários, como vestiários e refeitórios.

No segundo subsolo estão as câmaras frias, que comportam até 100 corpos, forno e sala de cremação, que não são de acesso público.

Por ser a primeira construção deste tipo no país, o Crematório Vila Alpina acabou sendo modelo para futuras construções. O projeto obtém êxito em sua intenção de construir um espaço que acolhe os enlutados e seus familiares, e constrói um interessante espaço de cerimônias. Sua forma horizontal e grande cobertura, apesar de feito em um material que transmite um certo peso, cria um espaço tranquilo, que inspira a calma necessária para se passar por um momento tão atribulado que é a morte de um ente querido.

O projeto, diferentemente da maioria dos cemitérios construídos anteriormente, não possui alusão a nenhuma religião, sendo considerado uma construção laica, o que poderia resultar em certa frieza e rejeição por parte da população brasileira, majoritariamente cristã. Entretanto, o crematório foi muito bem aceito ao longo dos anos na comunidade, e em 2013 realizava cerca de 25 cremações por dia. Em 2018 houve, somente no primeiro semestre, cerca de 5.785 cremações de corpos e ossários oriundos de exumação — quase 32 cremações por dia.

Após os trâmites burocráticos, o processo ocorre como de costume: após o velório ou cerimônia de despedida o corpo é levado para ser armazenado nos andares inferiores por 24h, período em que a família pode solicitar a devolução do mesmo caso mude de ideia. Passado este período, a família recebe em até 40 dias as cinzas do falecido, seja em urnas que podem ser compradas no local ou fornecidas pelos familiares, ou em um saco plástico branco. Após receberem as cinzas é muito comum que as famílias as despejem ali mesmo nos jardins do crematório.



Figura 7: Crematório Vila Alpina, crematório em São Paulo. Fonte: Archdaily



Figura 8: Crematório Vila Alpina, crematório em São Paulo. Fonte: Archdaily



Figura 9: Crematório Vila Alpina, crematório em São Paulo. Fonte: Archdaily



Figura 10: Crematorium Baumschulenweg, crematório em Berlim, Alemanha. Fonte:Archdaily

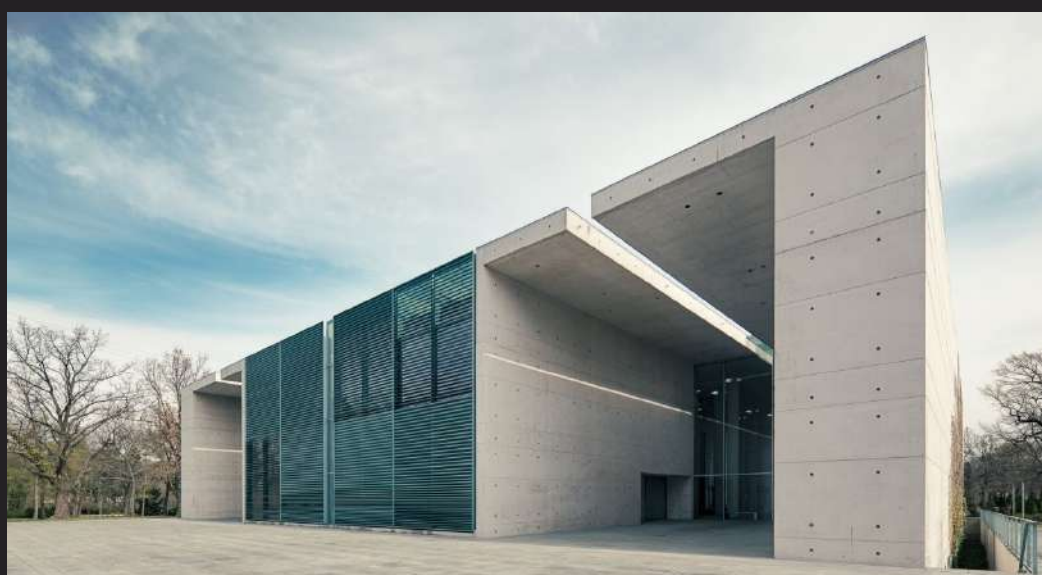


Figura 11: Crematorium Baumschulenweg, crematório em Berlim, Alemanha. Fonte:Archdaily

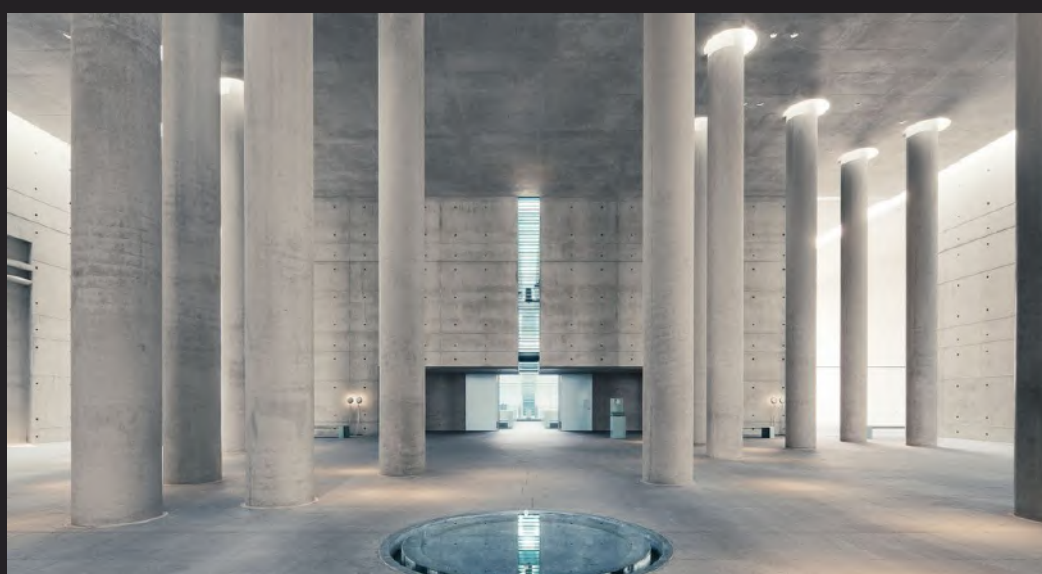


Figura 12: Crematorium Baumschulenweg, crematório em Berlim, Alemanha. Fonte:Archdaily

CREMATÓRIO DE BAUMSCHULENWEG

Localizado em Berlim, na Alemanha, o crematório de Baumschulenweg possui cerca de 3290.11 m², distribuídos em uma malha ortogonal de 48.96m x por 67.2m. Constituído basicamente de concreto armado, vidro e aço, pintado com um leve tom de azul claro, o edifício é estruturado em grande pátio central, duas salas de cerimônias menores, com capacidade para até 50 pessoas, e uma sala maior, com capacidade para 250 pessoas.

Seu grande hall interno possui uma fonte circular no centro e por diversos pilares, que são ligados à cobertura por discretas estruturas de concreto, e cada pilar possui um capitel vazado que permite a entrada de luz natural no pátio.

A materialidade do edifício transmite a ideia de que o mesmo é uma pedra cravada no terreno e esculpida de forma a permitir a entrada de luz. A relação com a iluminação natural é de grande destaque na construção, nos rasgos que cortam a cobertura ou nas amplas esquadrias, que garantem maior dramaticidade às salas de cerimônia.

O concreto duro e denso estabelece uma relação contrastante com a maleabilidade da luz do sol, que atravessa o denso material e penetra o edifício trazendo certo equilíbrio para os ambientes que tiram ótimo proveito desta dualidade. As salas de cerimônias transmitem uma certa dramaticidade, mas não muito além do necessário, já que a ocasião de uso do edifício já é consideravelmente dramática por si só. É notável uma intenção de glorificação, culto ou elevação aos que se foram, para assim, confortar os que ficaram. Além disso, o projeto não possui nenhum tipo de alusão a qualquer religião.

CAPELA DE SÃO PEDRO

A capela de São Pedro, projetada por Paulo Mendes da Rocha e concluída em 1987, está implantada ao lado do Palácio da Boa Vista, em Campos do Jordão, São Paulo, construída para ser casa de campo do governador de São Paulo em 1938 e desde o começo da década de 1970 utilizada como museu. O acesso se dá na parte mais alta do terreno, onde por uma estreita porta lateral os visitantes podem adentrar no pavimento principal que contém o espaço para cultos, com bancos de madeira, e altar e pia batismal, moldadas em concreto.

O arquiteto utiliza apenas três materiais para compor sua característica estética: concreto, vidro e madeira. A edificação é basicamente composta por um grande pilar central de cerca de três metros de raio, única sustentação da cobertura de concreto com vigas invertidas que parecem se apoiar nos grandes panos de vidro que fecham o perímetro. Além disso, grandes espelhos d'água aproximam e estreitam ainda mais a relação do edifício com a natureza.

O pavimento principal, através de patamares em concreto, estabelece uma relação de descida até o altar, formando um único volume escalonado. Ao lado do altar há uma escada que desce até uma passarela que leva ao batistério, que fica em um local mais reservado. Além disso, um mezanino estruturado ao redor do grande pilar central estreitamente longitudinal ajuda a compor o percurso em espiral ao redor do apoio central. A laje do mezanino, utilizada como tela para abrigar uma pintura de Glauco Pinto de Moraes, constrói de forma discreta uma referência às tradicionais naves ornamentadas das igrejas católicas, mas sem interferir diretamente na aparência externa da edificação. a população



Figura 13: Capela de São Pedro, capela em Campos do Jordão, São Paulo. Fonte:Archdaily



Figura 14: Capela de São Pedro, capela em Campos do Jordão, São Paulo. Fonte:Archdaily



Figura 15: Capela de São Pedro, capela em Campos do Jordão, São Paulo. Fonte:Archdaily



BREVE INTRODUÇÃO À SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

O município de São José dos Campos é localizado no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, possui uma população estimada de pouco mais de 700 mil habitantes (IBGE, 2021) e cerca de 1.099,66 km² de área. Diferentemente de municípios próximos como Lorena, Taubaté e Jacareí, São José não esteve ligada ao processo de produção de café do interior paulista, e teve seu desenvolvimento urbano atrelado ao desenvolvimento industrial.

O município adquiriu status sanatorial em 1935, e se estabeleceu como um polo para o tratamento de tuberculose, devido à sua característica climática, hidromineral e proximidade com a capital São Paulo. Assim, o tratamento das doenças pulmonares influenciou diretamente na expansão da infraestrutura urbana da cidade com a construção de estações de tratamento de água e esgoto e a pavimentação de ruas.

Simultaneamente, o já iniciado processo de crescimento industrial, representado pela instalação de indústrias cerâmicas (Weiss e Bonádio), olarias e tecelagem (Parahyba) na década de 1920, contribuíram para o adensamento de bairros e para o primeiro plano de zoneamento, que dividiu a cidade nas zonas sanatorial, comercial, industrial e residencial em 1938.

Na década de 1950, políticas restritivas para ampliação de áreas industriais na capital contribuíram para intensificar o processo de interiorização das indústrias, bem como incentivos federais para a exportação de manufaturados. A construção do Centro Tecnológico da Aeronáutica (1948) representa um interesse também pelo desenvolvimento da ciência e tecnologia, bem como na prioridade do até então existente ministério da aeronáutica para a construção de aeronaves, contribuindo para o surgimento da Embraer (1969).

Devido ao grande número de indústrias que se instalaram ao longo da rodovia presidente Dutra (1951), São José dos Campos adquiriu, durante a década de 1960 e 1970, um caráter de metrópole emergente, sendo um dos mais relevantes centros econômicos do país. A instalação da rodovia provocou o adensamento da zona leste da cidade, com a instalação de empresas como a General Motors, Eaton, Embraer, entre outras.

O TERRENO

O terreno adotado para a realização se localiza na beira da Via Cambuí, via expressa feita para interligar as zonas leste e sudeste. Concluída em 2020, a maior obra viária da história de São José dos Campos custou cerca de R\$105,08 milhões e conta com 8,6 km de extensão. A zona sudeste atualmente representa uma área em consolidação, com uma série de novos loteamentos sendo lançados.

Além disso, o terreno está localizado em uma região relativamente movimentada da cidade, estando aos fundos da TI Automotive, empresa que fabrica autopeças, e da Igreja protestante nomeada como Igreja da Cidade, um polo religioso muito forte que conta com uma série de atividades e com um colégio e uma faculdade privada, o Colégio Inspire e a Faculdade Humanitas.

De acordo com a Lei Complementar N 623/2019, que regula o zoneamento do solo, o terreno está em uma Zona de Uso Diversificado, na qual pode se constituir atividades comerciais, institucionais e industriais de baixo, médio e alto impacto urbanístico.

Além de estar em um zoneamento que possibilita usos diversos e de possuir fácil acesso devido à proximidade com a rodovia Presidente Dutra e a Via Cambuí, o terreno está próximo a instalações que garantem a inserção do projeto dentro da rotina urbana da cidade, não sendo um assim um local isolado ou muito afastado, o que não seria adequado.

Sua grande área disponível, de cerca de 122.587 m² também possibilita uma série de aproveitamentos pertinentes para o projeto, tais como a criação de uma massa arborizada, o que criaria certa privacidade e proteção para o projeto. Ademais, a vegetação é extremamente necessária para diminuir os impactos ambientais da prática da cremação, mesmo que estes impactos sejam considerados baixos, pois os corpos são queimados a uma temperatura tão alta que quase não emitem gases tóxicos.





Figura 16: Foto do terreno, São José dos Campos, São Paulo. Fonte:Autor



Figura 17: Foto do terreno, São José dos Campos, São Paulo. Fonte:Autor



Figura 18: Faculdade de Ciências Médicas Humanitas, São José dos Campos, São Paulo. Fonte:Google Maps

Implantação

Devido à grande área do terreno, ao relevo plano e à localização em uma região movimentada da cidade, a implantação do edifício se provou um grande desafio inicial. Assim, após diversos estudos e propostas de parcelamento e de volumetria, optou-se por posicionar o edifício próximo à Rua Todas as Nações, uma via com menos tráfego de veículos, que poderia abrigar os acessos principais do edifício e manter um certo nível de privacidade. Além disso, o desenho do terreno e a parcela adotada acabaram condicionando a forma da edificação.

Assim, o projeto se estruturou inicialmente por um grande bloco com dimensões de cerca de 30x60m, que posteriormente se desenvolveu como o bloco principal do projeto, abrigando as áreas principais de acesso público. Foram adicionados mais dois blocos que buscam complementá-lo: um, agregado ao grande bloco, que concentra as principais atividades de serviço (como sala de fornos, câmaras frias, escritórios, vestiário dos funcionários, etc,); e outro que abriga a capela, separada dos dois blocos principais.

Tal decisão possibilitou a composição de um espaço mais introspectivo e reservado do movimento que as cerimônias geralmente provocam, além de integrar o percurso entre o estacionamento e o edifício principal, estruturado pelas rampas de acesso.

Bloco Principal

Apoiado sobre dois pilares principais e composto basicamente de dois grandes blocos de concreto, o crematório busca, de forma material, refletir o peso da saudade latente que uma recente perda ocasiona.

Seu volume principal foi elevado e descolado do chão, propiciando a criação de um amplo pátio, posicionado cerca de um metro e meio abaixo em relação ao entorno, permitindo o encontro, mas de forma contida, compartilhado, mas também privado de tudo que cerca o edifício.

As fachadas do bloco elevado são em sua maioria fechadas para o entorno, conferindo às atividades internas a privacidade e o isolamento necessários. Entretanto, apesar de vedado para o entorno, os espaços se abrem internamente.

Diferentemente do processo de enterro, a cremação é mais direta e pode ser difícil para muitas pessoas, já que representa a desmaterialização definitiva do ente querido. A brutalidade da forma se relaciona com a brutal realidade de que determinado ser, que foi muito amado em vida, não existe mais.

O fato que era enterrado e podia ser revisitado sempre que desejado, com a queima, é escancarado e precisa ser enfrentado. O que resta são cinzas, memória e ausência.





Figura 20: Perspectiva de Projeto, Rampa ao lado do acesso de serviço. Fonte: Autoria Própria



Figura 21: Perspectiva de Projeto, Fachada e pátio principal. Fonte: Autoria Própria



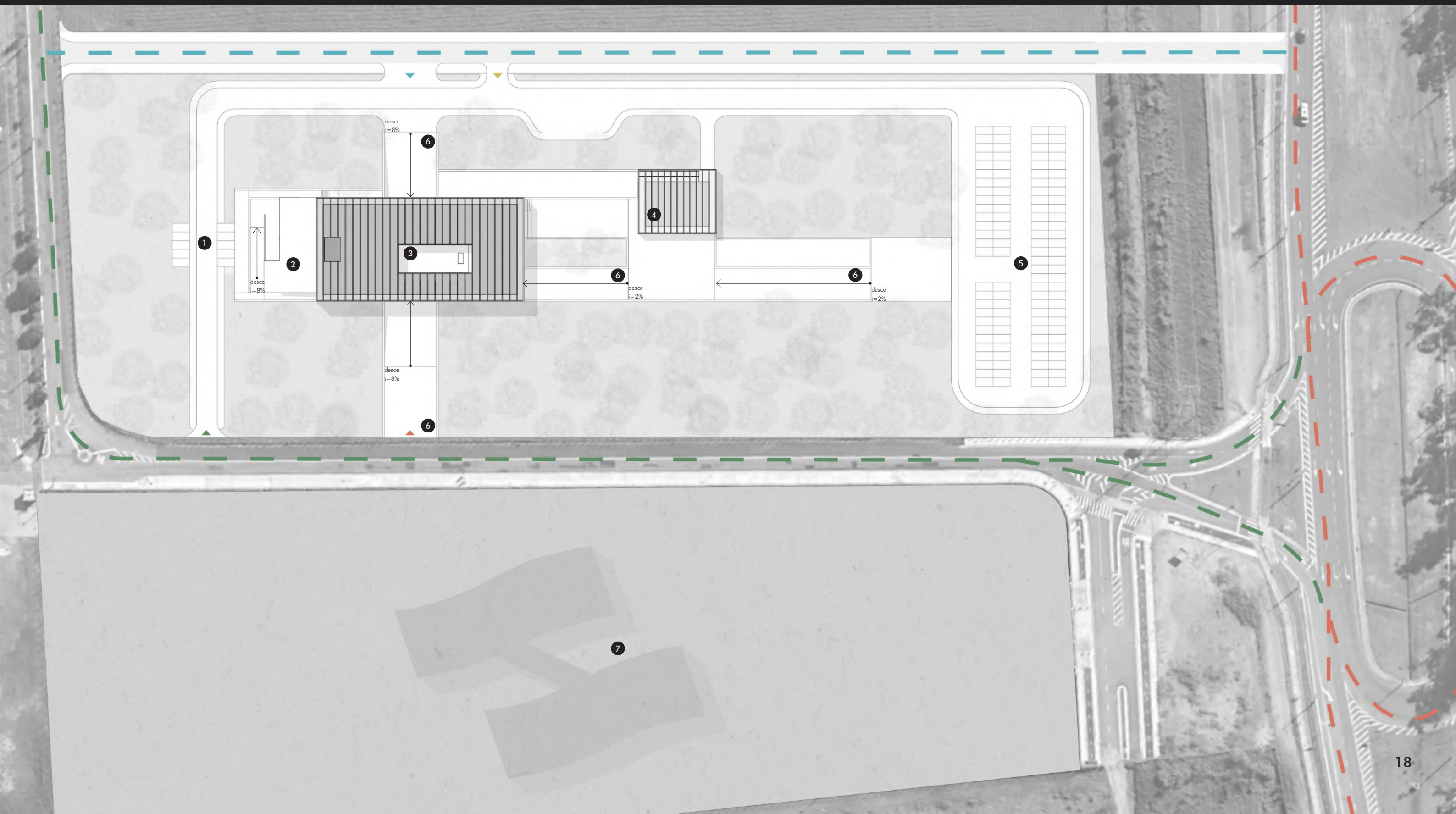
Figura 22: Perspectiva de Projeto, Fachada e pátio principal. Fonte: Autoria Própria

-  acesso de pedestres 01
-  acesso de pedestres 02
-  acesso de veículos
-  acesso de serviço

- ① estacionamento de serviço
- ② bloco de serviço
- ③ crematório
- ④ capela
- ⑤ estacionamento

- ⑥ rampa de acesso crematório
- ⑦ faculdade de ciências médicas humanitas

 via cambuí
 nova via proposta
 via de acesso existente



O PROJETO

Intenções

O processo de se lidar com uma perda é algo extremamente complexo, envolve diversos sentimentos e pode levar semanas, meses e anos. Cada pessoa tem seu próprio caminho e forma de passar por este momento.

O presente projeto não busca, de forma alguma, diminuir as dores sentidas durante o luto, mas sim acolher as pessoas em uma das primeiras situações que fazem parte de toda essa cadeia, a despedida.

Choro, raiva, memórias, são indissociáveis do instante, e portando, partes que devem ser acolhidas em projeto. O encontro com familiares e amigos, o compartilhamento destes sentimentos com quem fez parte da trajetória experienciada, e também, o isolamento. Despedir-se não é um processo padronizado e isolado, mas sim plural e diverso.



Figura 19: Perspectiva de Projeto, Jardim Memorial. Fonte: Autoria Própria



Figura 23: Perspectiva de Projeto, Jardim memorial e pátio principal. Fonte: Autoria Própria



Figura 23: Perspectiva de Projeto, Hall superior. Fonte: Autoria Própria



Figura 24: Perspectiva de Projeto, Hall superior. Fonte: Autoria Própria

O jardim memorial central busca marcar e direcionar os percursos, sendo o principal ponto de encontro, localizado no pátio do pavimento semi-enterrado. O desnível artificial busca moldar a paisagem, limitar as distrações e direcionar o foco para o presente.

Ali, se encontram também os acessos para o pavimento superior, no qual as cerimônias de despedidas ocorrem, tanto nas salas para velórios quanto nas salas de cerimônias.

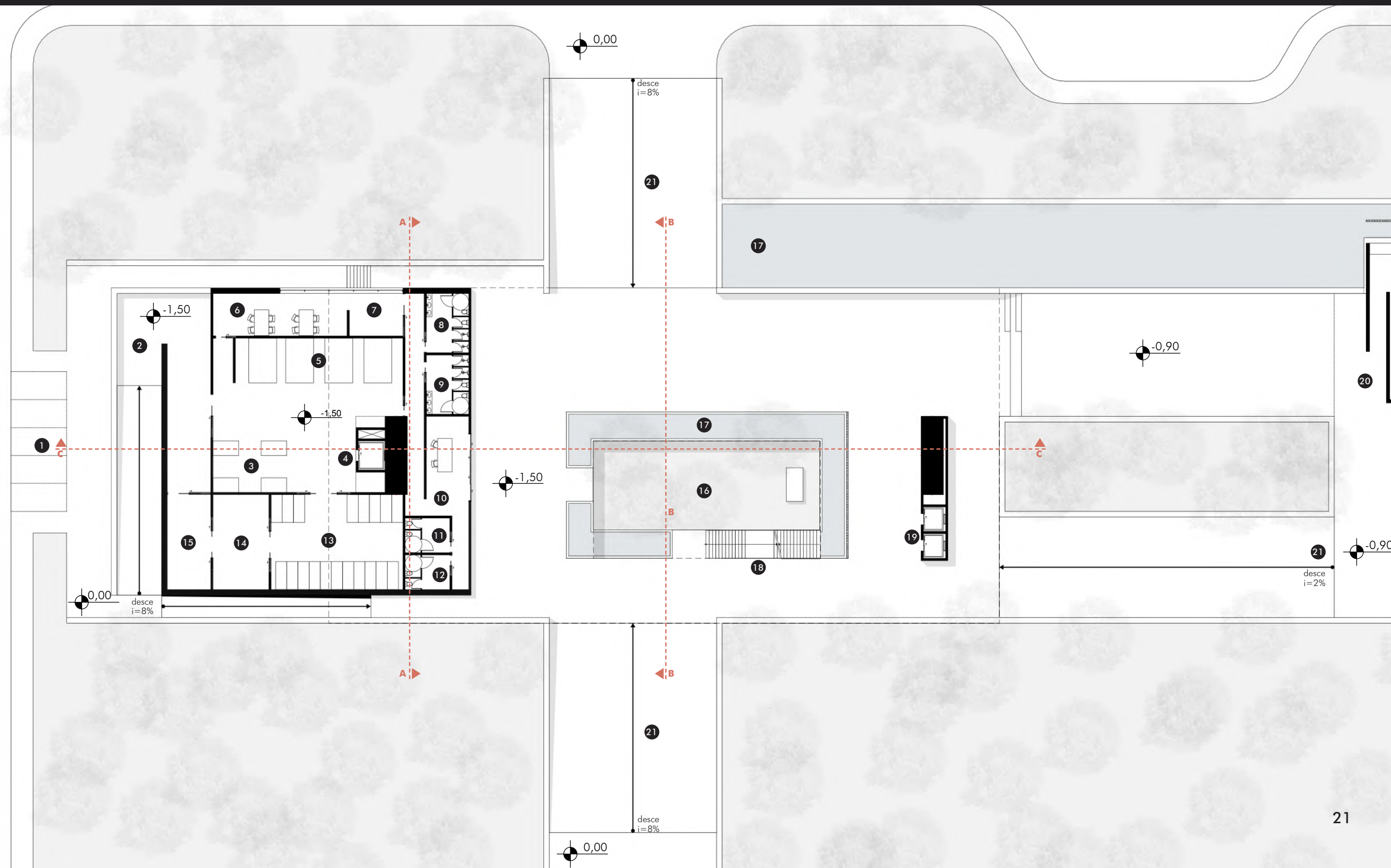
O pavimento superior, em um primeiro momento se mostra uma extensão do pátio, com um plano principal cercado porém aberto, que aos poucos, direciona o percurso para os ambientes de introspecção e reflexão.

As aberturas zenitais permitem a entrada de luz, estruturadas através de uma grande abertura principal sobre o jardim memorial, que ilumina todo o hall principal e também é mais um elemento que conecta os dois pavimentos. Além disso, a laje propositalmente não se conecta às paredes, permitindo assim que clarabóias fossem colocadas entre as vigas, criando uma cortina de luz em todo perímetro do bloco retangular.

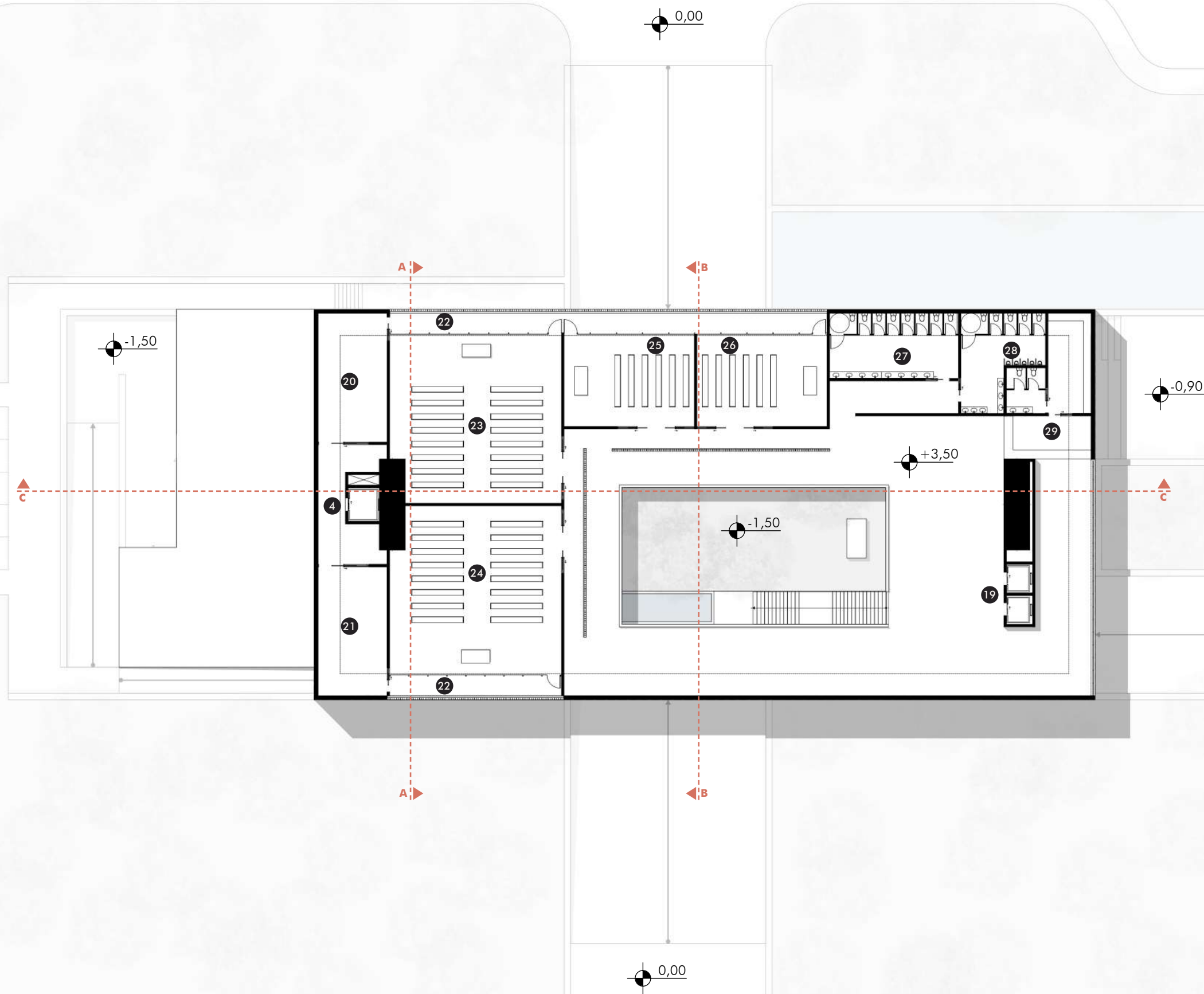
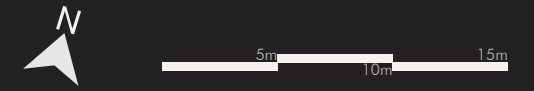
Como forma de contrapor o peso das paredes totalmente cegas, a fachada voltada para a capela é totalmente aberta, porém protegida por um dos pilares principais e pelos elevadores. Este terraço integrado com o hall permite a instalação de um café, um ambiente de contemplação elevado que permite uma breve pausa quando desejado.

PLANTA BAIXA TÉRREO CREMATÓRIO

- 1 vagas de serviço
- 2 acesso de serviço
- 3 mesas de trabalho (50,8m²)
- 4 elevador de serviço (6,2m²)
- 5 fornos de cremação (105,2m²)
- 6 escritórios (45,5m²)
- 7 copa (18,2m²)
- 8 vestiário femininos (20,15m²)
- 9 vestiário masculino (20,15m²)
- 10 recepção (33,8m²)
- 11 bwc social feminino (12,4m²)
- 12 bwc social masculino (12,4m²)
- 13 câmaras frias (100,3m²)
- 14 depósito de urnas (42,5m²)
- 15 depósito temporário de lixo (33,15m²)
- 16 jardim memorial (330,7m²)
- 17 espelhos d'água
- 18 escada
- 19 elevadores sociais (4,4m²)
- 20 acesso capela
- 21 rampas de acesso crematório

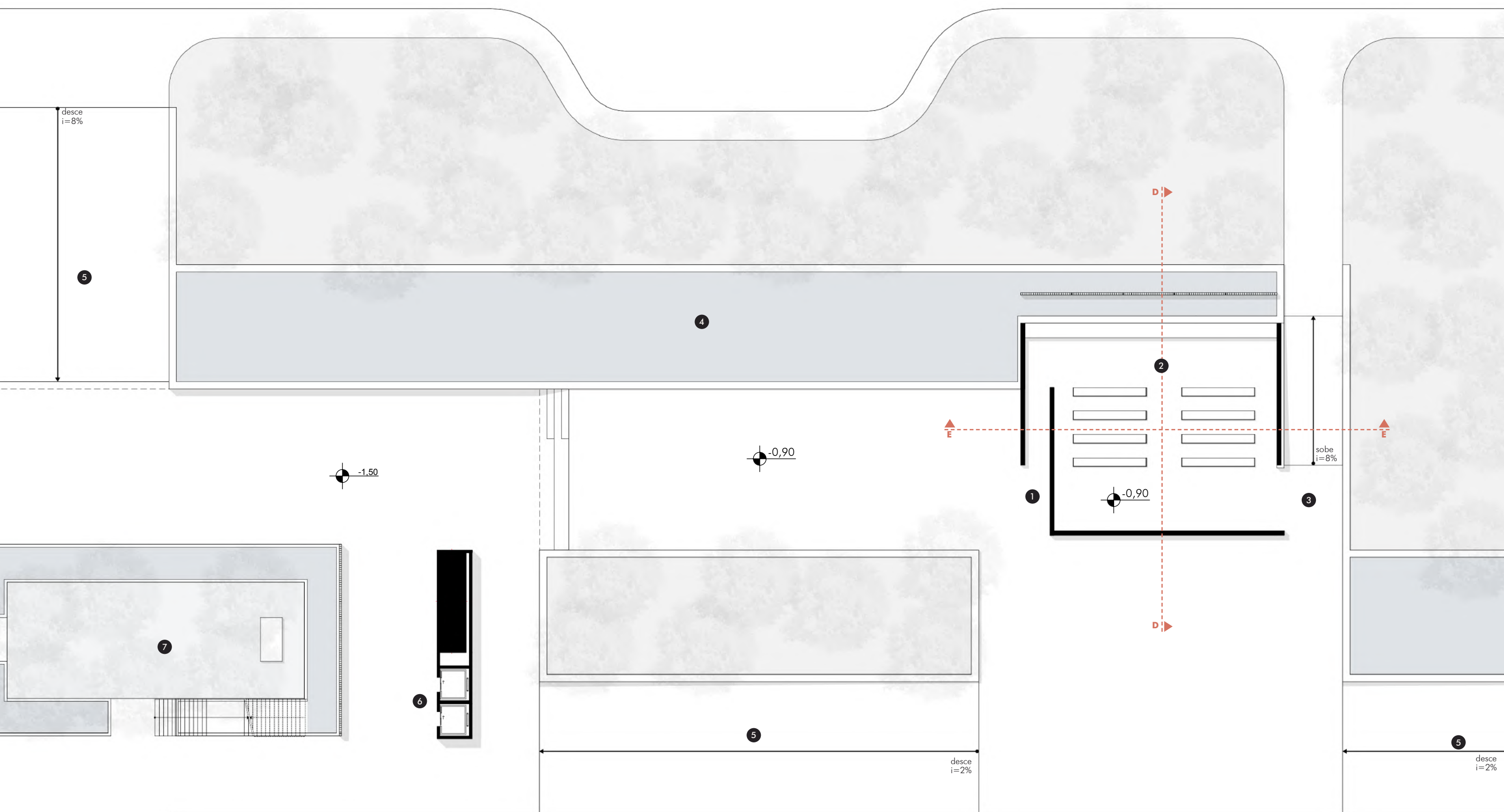


- 4 elevador de serviço (6,2m²)
- 19 elevadores sociais (4,4m²)
- 21 antesalas (52,5m²)
- 22 corredores de serviço
- 23 sala de cerimônias 1 (170,5m²)
- 24 sala de cerimônias 2 (170,5m²)
- 25 velórios 1 (70,0m²)
- 26 velórios 2 (70,0m²)
- 27 banheiros femininos (50,0m²)
- 28 banheiros masculinos (38,5m²)
- 29 café (60,5m²)

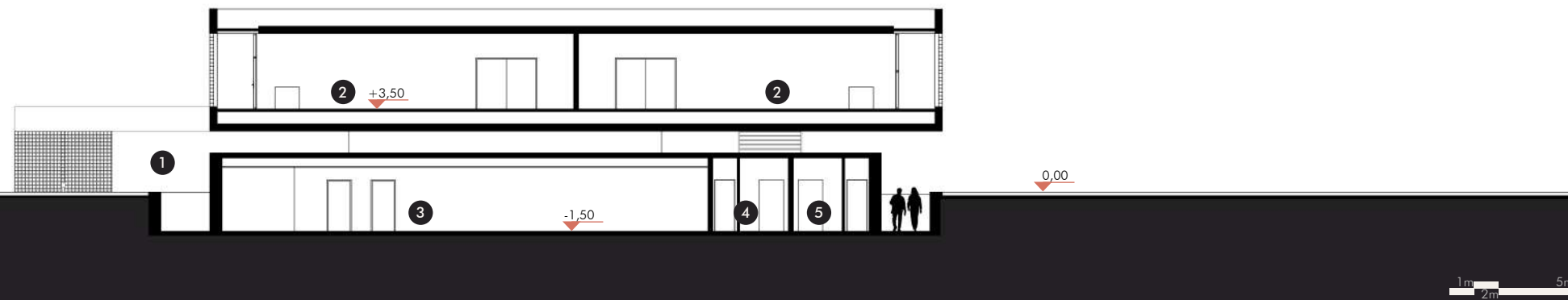


PLANTA BAIXA CAPELA

- 1 acesso capela
- 2 capela (4,4m²)
- 3 acesso para via interna
- 4 espelho d'água
- 5 rampas de acesso crematório
- 6 elevadores sociais (4,4m²)
- 7 jardim memorial (330,7m²)

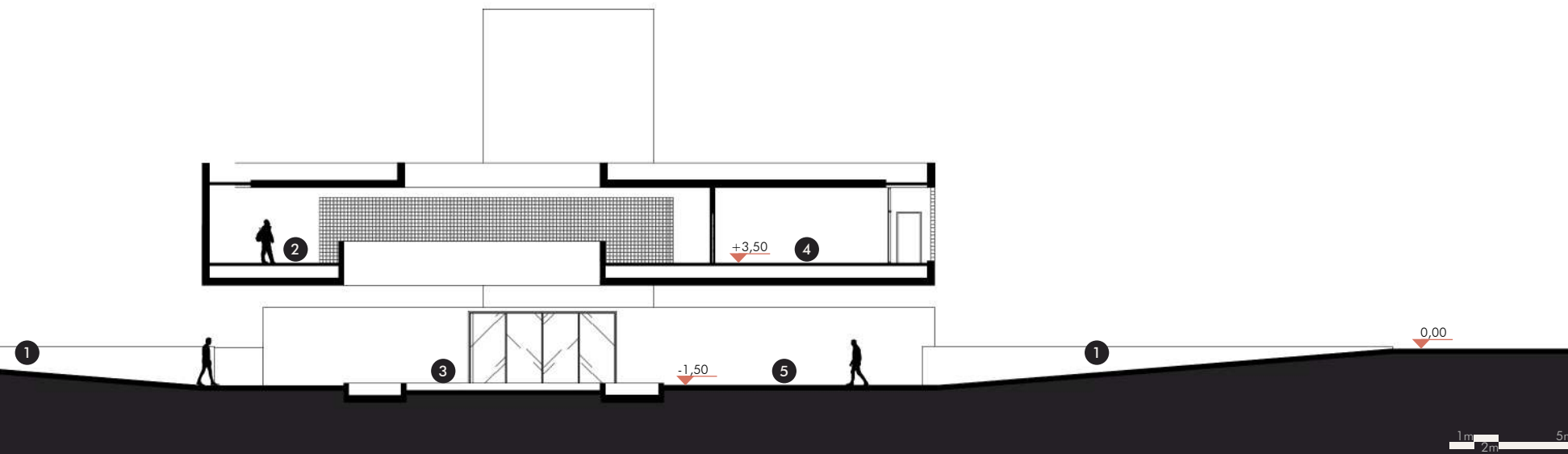


CORTE A-A



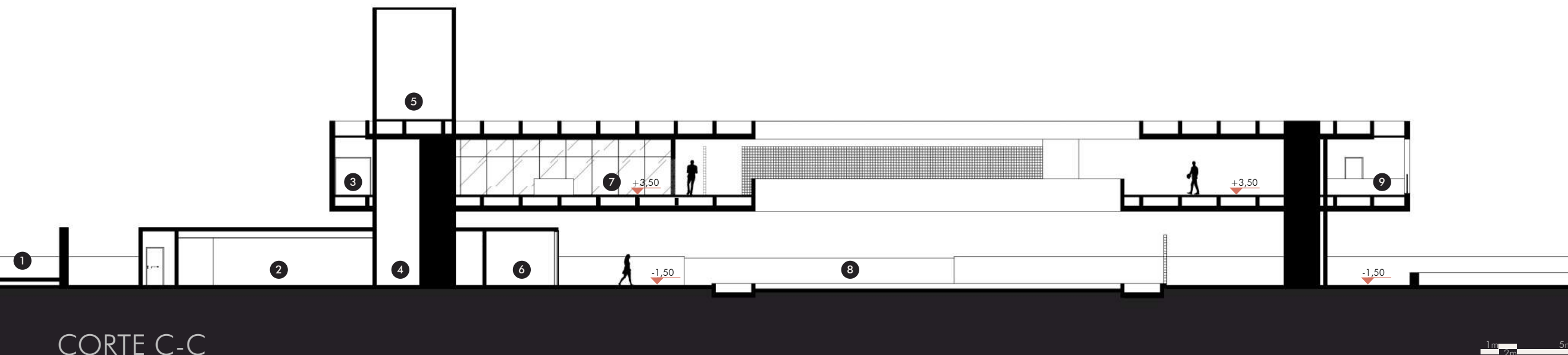
- 1 capela
- 2 sala de cerimônias
- 3 acesso vestiários
- 4 bwc social feminino (12,4m²)
- 5 bwc social masculino (12,4m²)

CORTE B-B

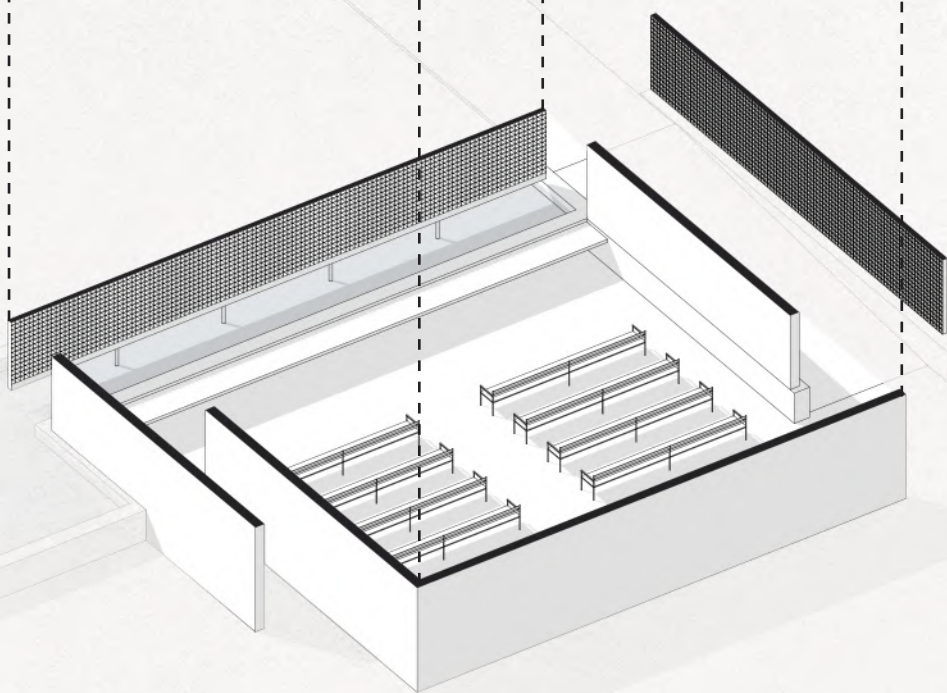
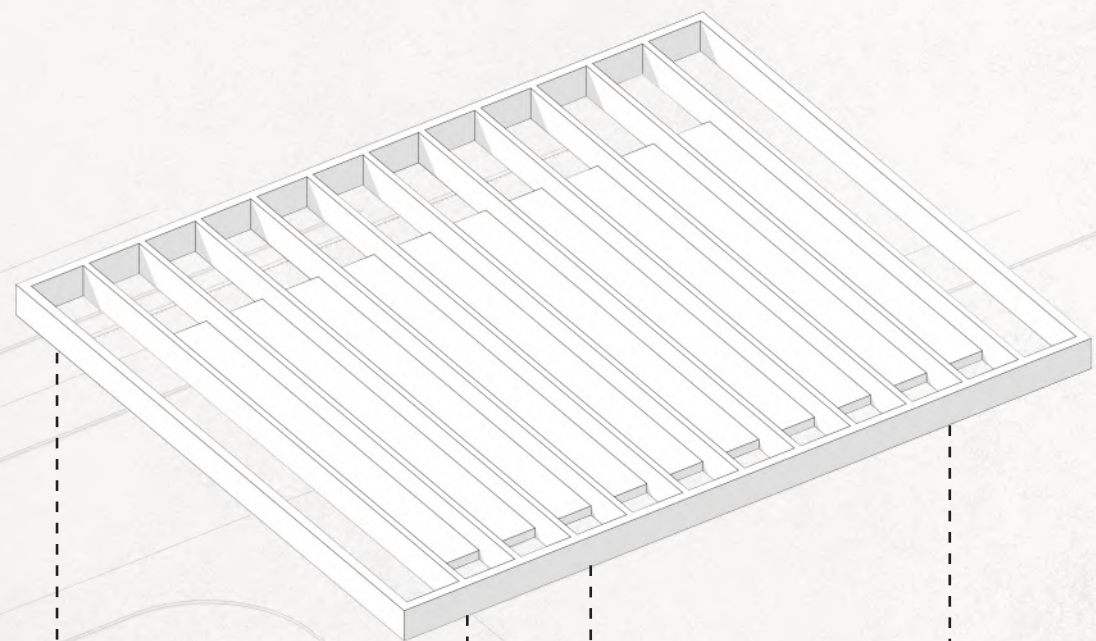


- 1 rampas de acesso crematórios
- 2 hall superior
- 3 jardim memorial
- 4 sala de velórios
- 5 hall inferior

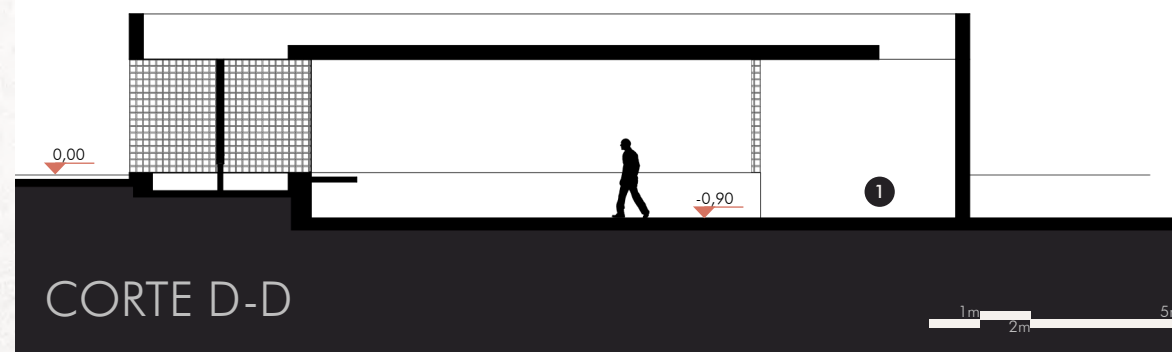
CORTE C-C



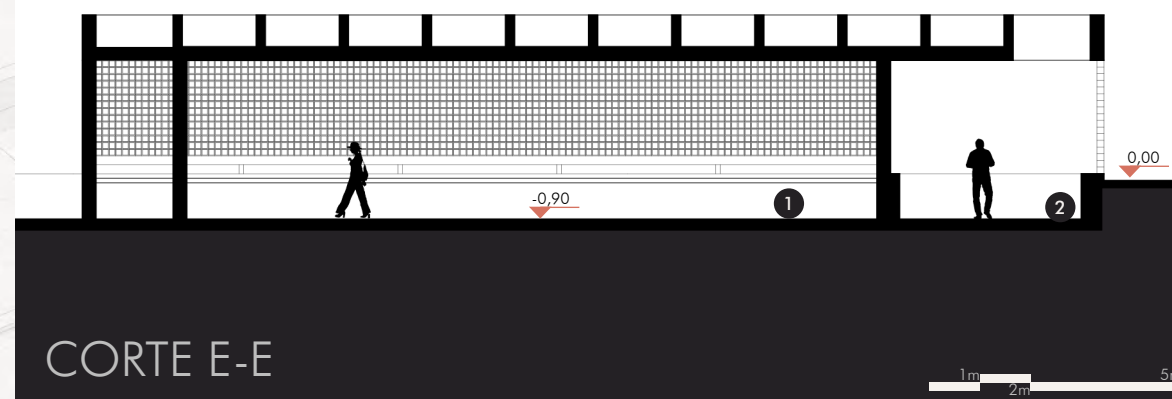
- 1 acesso de serviço
- 2 fornos crematórios
- 3 antesala
- 4 elevador de serviço
- 5 caixa d'água
- 6 recepção
- 7 sala de cerimônias
- 8 jardim memorial
- 9 café



ISOMÉTRICA CAPELA

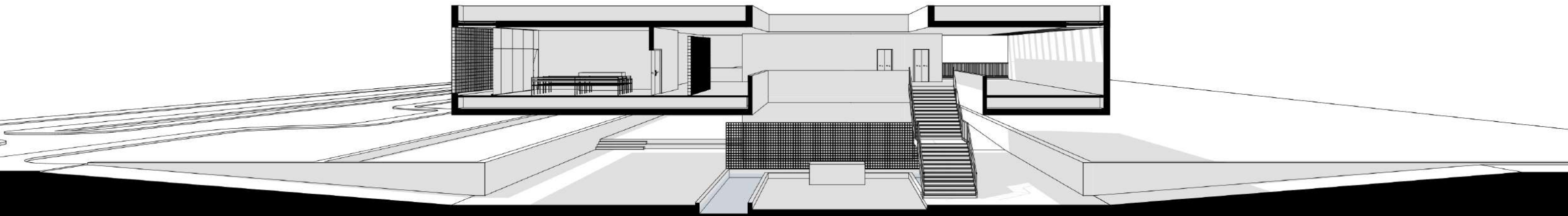


1 capela

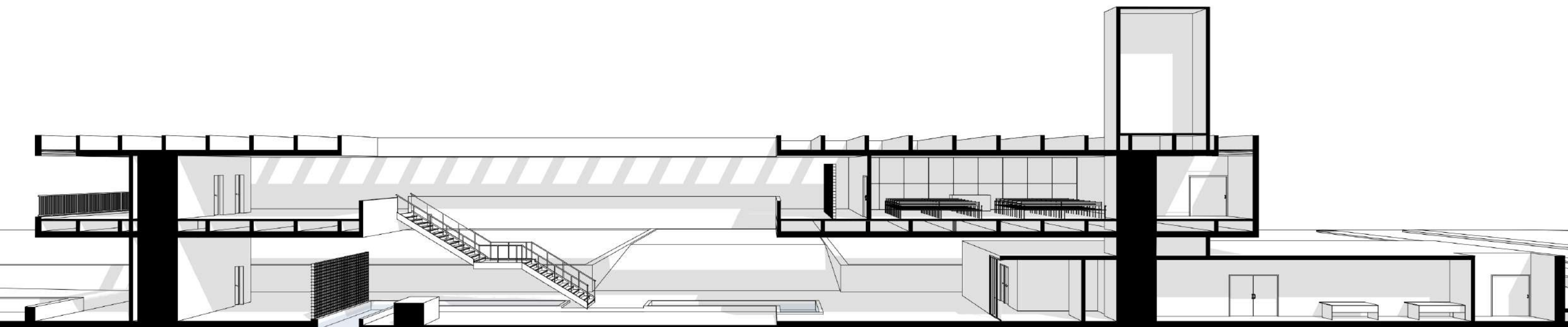


1 capela

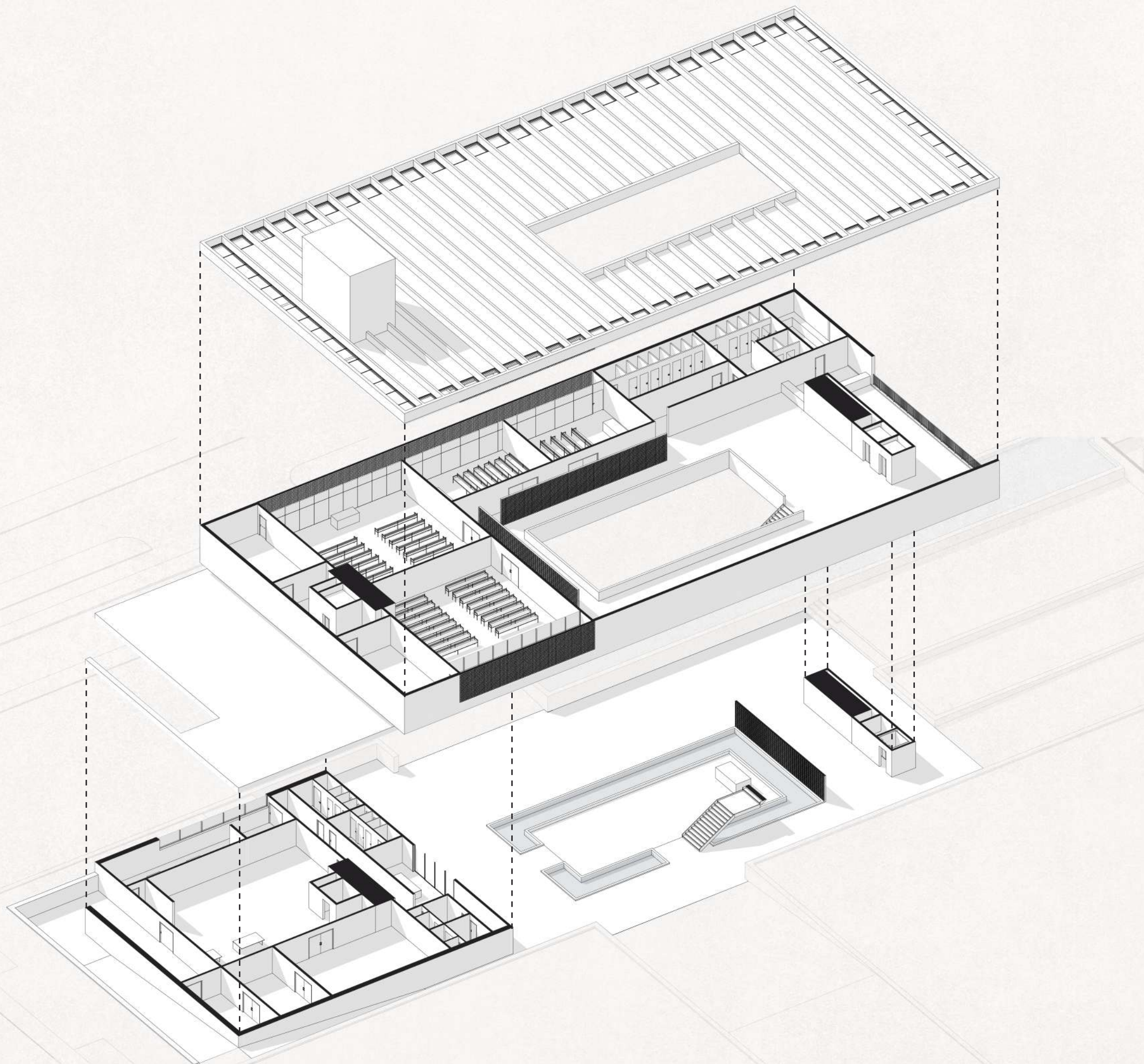
2 acesso via interna



CORTE PERSPECTIVADO



CORTE PERSPECTIVADO



ISOMÉTRICA CREMATÓRIO



Figura 25: Perspectiva de Projeto, Sala de cerimônia. Fonte: Autoria Própria



Figura 26: Perspectiva de Projeto, Sala de velórios. Fonte: Autoria Própria

Nas salas de cerimônia e de velórios, a madeira e o concreto buscam compor um espaço de serenidade e que permita a manifestação dos sentimentos de forma livre. Um grande pano de vidro jateado permite a entrada de luz externa de forma dramática em direção ao altar.

As esquadrias em vidro ao fundo, além de funcionarem como um grande pano de luz, uma das esquadrias é uma porta, que permite a passagem do ente homenageado através de um corredor que chega até a ante sala e ao elevador de serviço.

Do elevador de serviço, o corpo pode ser levado diretamente ao bloco no qual se localizam os fornos e câmaras frias, permitindo uma integração longe da vista pública entre os espaços técnicos e de visitação.

Os cobogós em concreto permitem uma permeabilidade controlada entre interno externo, de forma a filtrar a entrada direta de luz, com auxílio do vidro jateado.

Os espaços ritualísticos retratam a dualidade do momento e abraçam o contraste existente entre a perda e a memória, ao almejar ser fechado e ao mesmo tempo aberto, opaco mas ao mesmo tempo translúcido.

Perder alguém amado é algo extremamente denso para o psicológico das pessoas e demanda um espaço que acolha aqueles que necessitam se distanciar de tudo para respirar e processar os acontecimentos e seus desdobramentos.

A capela ecumênica se insere descolada do volume principal e representa um momento de isolamento social e introspecção. Próximo da natureza o espaço busca contemplar as sensações que a mesma propicia, sendo um local aberto e que permite a passagem do vento, do sol e da chuva.

O espaço pode ser acessado tanto pelo percurso definido pelas rampas que direcionam para o bloco principal como de forma independente por uma rampa lateral. Desse modo, o bloco da capela estabelece uma direta com o crematório, mesmo sendo um bloco separado.



Figura 27: Perspectiva de Projeto, Espelho d'água capela. Fonte: Autoria Própria



Figura 28: Perspectiva de Projeto, Interior capela. Fonte: Autoria Própria



Figura 29: Perspectiva de Projeto, Vista da rampa de acesso. Fonte: Autoria Própria

Diante de um ambicioso propósito, amparar talvez a maior imprevisibilidade da vida, o fim dela, o ato projetual não almeja resolver as questões que permeiam a relação entre homem e morte ao longo de toda sua existência. Mas sim, ser espaço de amparo, encontro, reflexão e o mais importante, continuidade.

Por mais que perdas ocorram e histórias nas quais demandamos todo nosso esforço e amor se encerra, muitas vezes sem aviso, a vida continua e deve ser vivida enquanto nos é dada a oportunidade de desfrutá-la.

No final, em frente a brutalidade do tempo, poucas são as coisas que mantêm seu significado. Tudo construído pelo homem se torna inútil, o material vira poeira, e o objetivo verdadeiramente principal segue sendo o outro.



Figura 30: Perspectiva de Projeto, Vista da rampa de acesso. Fonte: Autoria Própria

ARIES, PHILIPPE. O HOMEM DIANTE DA MORTE. RIO DE JANEIRO: FRANCISCO ALVES, 1977.

CAVALCANTI, A.K.S.; SAMCZUK, M.L. ; BONFIM, T.E. O CONCEITO PSICANALÍTICO DO LUTO: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE FREUD E KLEIN. PSICÓLOGO INFORMAÇÃO, v. 17, n. 17, p. 87–105, 2013.

ELISIANA TRILHA CASTRO. "AO PÓ RETORNARÁS": UM OLHAR SOBRE OS CREMATÓRIOS E A MORTE CONTEMPORÂNEA.. v. 13, n. 102, 2012.

FIGUEIREDO, INÊS DE CARVALHO. DO CEMITÉRIO À MEMÓRIA. 2013. 133 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - CURSO DE ARQUITETURA, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE PORTO, PORTO, 2013.

EPICURO. CARTA SOBRE A FELICIDADE. TRAD. ÁLVARO LORENCINI E ENZO DEL CARRATORE. SÃO PAULO: UNESP, 2002.

FREUD, S. LUTO E MELANCOLIA. EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRAS DAS OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD, v. XIV. RIO DE JANEIRO: IMAGO, 1917 [1915]/1974.

HEIDEGGER, MARTIN. SER E TEMPO. EDITORA: VOZES. SÃO PAULO, 2015.

JORGE, MARCO ANTONIO COUTINHO; MELLO, DENISE MAURANO ; NUNES, MACLA RIBEIRO. MEDO, PERPLEXIDADE, NEGACIONISMO, ATURDIMENTO - E LUTO: AFETOS DO SUJEITO DA PANDEMIA. REVISTA LATINOAMERICANA DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, v. 23, n. 3, p. 583–596, 2020.

SANTOS, ALINE SILVA. MORTE E PAISAGEM: OS JARDINS DE MEMÓRIA DO CREMATÓRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.. 2015. 349 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2015. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.TESES.USP.BR/TESES/DISPONIVEIS/16/16135/TDE-08092015-143806/PT-BR.PHP](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/TDE-08092015-143806/PT-BR.PHP). ACESSO EM: 10 SET. 2023.

ROCHA, FRANCISCO MANUEL PINTO. MORTE, ESPAÇO E ARQUITETURA: DAS IDEIAS ÀS FORMAS, UM PROJETO. 2013. 140 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE PORTO, PORTO, 2013.

OLIVEIRA, ELIANY NAZARÉ; XIMENES NETO, FRANCISCO ROSEMIRO GUIMARÃES; MOREIRA, ROBERTA MAGDA MARTINS; ET AL. "AQUELE ADEUS, NÃO PUDE DAR": LUTO E SOFRIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19. ENFERMAGEM EM FOCO, v. 11, n. 2.ESP, 2020.

PALMEIRA, FRANCISCO. ARQUIVO, ARTE & ARQUITETURA: MEMORIAL AOS JUDEUS ASSASSINADOS DA EUROPA. 2008.

SILVEIRA, BETTIELI BARBOZA DA ET AL. AMBIENTES RESTAURADORES: CONCEITOS E DEFINIÇÕES. IN: SILVEIRA, BETTIELI BARBOZA DA; FELIPPE, MAÍRA LONGHINOTTI (ORG.). AMBIENTES RESTAURADORES: CONCEITOS E PESQUISAS EM CONTEXTOS DE SAÚDE. FLORIANÓPOLIS: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019. CAP. 1, p. 13. DISPONÍVEL EM: [HTTP://LAPAM.CFH.UFSC.BR/](http://LAPAM.CFH.UFSC.BR/). ACESSO EM: 26 OUT. 2022

STEGERS, RUDOLF. A DESIGN MANUAL, SACRED BUILDINGS. 2ª ED. BERLIN: BIRKHÄUSER, 2010.